

OPERAÇÃO SALVAGUARDA



ROBERTO CAUSO

autor de *Glória Sombria* e *Mestre das Marés*





OPERAÇÃO SALVAGUARDA

ROBERTO CAUSO



BICO PRETO

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida de qualquer forma, seja por meio eletrônico ou mecânico, ou arquivada em qualquer tipo de arquivo sem a autorização expressa por escrito da editora.

PUBLISHER

Lucas de Lucca

EDITOR

Vilto Reis

CAPA

Isabela Guerra

DIAGRAMAÇÃO

Vitor Pereira Marra

REVISÃO

Rebecca Pessoa

ELEMENTOS INTERNOS

Freepik
macrovector
- Magnific.com

ILUSTRAÇÃO

Vagner Vargas

ASSISTENTES EDITORIAIS

Kalinda De Aragão
Natália Marques
Zazá Js

MARCA E COMUNICAÇÃO

Cláudia De Biasi

MARKETING

Lucas De Almeida
Bruno De Deus

JURÍDICO

Henrique Susin Scopel

CURADORIA

Marina Solé Pagot

Esta obra segue as regras do
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C 374

Causo, Roberto

Traidores / Roberto Causo.

— 1. ed. — Campinas, SP : VOE, 2026.

174 p. 14x21cm

ISBN 978-65-84413-40-5

1. Ficção brasileira 2. Thriller 3. Drama I. Título

CDD 869.93

PREPARADO POR VIVIAN SOARES VILLALBA – CRB-8/9903



EDITORA FLYVE

Editora Flyve - CNPJ:33.825.711/0001-54
Rua Dona Elídia Ana de Campos, 89.
Campinas - SP / CEP: 13076-617
atendimento@flyve.com.br
– flyve.com.br - @editorafllyve

O Universo GalAxis é uma criação de Roberto Causo.

— *Para Smedley Butler (1898-1940)*
e Ian Fishback (1979-2021); e para Rubens Pierrotti Jr.

OPERAÇÃO SALVAGUARDA

A guerra faz o ladrão, a paz o conduz à forca.
—*A Arte da Guerra*, Maquiavel

Vá em frente e odeie seu vizinho
Vá em frente e engane um amigo
Faça-o em nome do paraíso
Pode justificar tudo no fim
Não haverá trombetas soprando
Chegando o dia do julgamento
Na sangrenta manhã seguinte
Um soldado de chumbo se afasta

—“One Tin Soldier”, Dennis Lambert
& Brian Potter

CONQUISTA, CAPITAL DO PLANETA ATACAMA

 Tenente Jonas Peregrino parou diante da entrada do anfiteatro. Ninguém conferia as credenciais nem a senha da Operação Salvaguarda, e havia muita gente lá dentro. Observou melhor. Procurou uniformes das forças espaciais. Não encontrou nenhum. Dentro ou fora, não havia quem parecesse muito empenhado. Exceto pelos vigias na entrada do complexo, nem ele nem a jovem praça ao seu lado foram interpelados no caminho.

Peregrino balançou a cabeça, espremeu os lábios e se voltou para a colega.

— Vá procurar alguma coisa para comer, Miranda. — Apontou uma mesa comprida não longe dali, com pacotes de ração e pilhas de sanduíches embalados. — Fique de olho se aparecer alguém com o nosso uniforme.

— Sim, Tenente.

Ele respirou fundo e entrou. Em um segundo, localizou o comandante da operação em pé sobre um tablado à direita, cercado de coronéis e majores com *tablets* nas mãos. A audiência dispersa ignorava o *holodisplay* atrás do tablado.

Observou por um minuto o terreno disposto em 3D. Viu o QG assinalado ali, cercado de indicações de movimento. Forças divididas, enviadas em ações de pacificação fora da cidade. O complexo plano incluía evacuar dois módulos hospitalares para a órbita, juntamente com parte do equipamento bélico. O longo vale não aparecia

no plano. A *hacienda* no alto também não. Um arrepio subiu pela nuca de Peregrino.

Os oficiais superiores sobre o tablado apenas conversavam. Todos pertenciam às forças de superfície. Não havia setas ou ícones se movendo na projeção. A preleção talvez nem tivesse começado para valer.

Notou numa das laterais, isolada, uma mesa comprida com café quente, lanches frescos e garrafas de água e de suco. Quase que automaticamente rumou para lá, esquivando-se dos grupos de oficiais. Sua boca estava seca e o estômago resmungava de fome. As mãos trêmulas procuraram o copo de amido cristalizado e o acionador da cafeteira. O aroma do café subia da cafeteira. Parecia ser grão recém-moído... Perguntou-se: um milagre da logística militar ou artigo pilhado de estoques locais? No momento, pouco importava...

— O que está fazendo aí, Tenente, atrapalhando a minha preleção? — ouviu. Uma voz irada.

Procurou o dono da voz. O burburinho cessou e todos se voltavam para o tablado. Fez o mesmo. O general apontava o dedo para ele. Os olhares o procuraram. Suspirando, deixou do café e pegou duas garrafas de água ao seguir até ele.

— Você é um penetra, Tenente? — ouviu. — O que está fazendo aqui?

— Mensageiro — respondeu. Mesmo cansado, sua voz era mais profunda e possante do que a do general. Lançou-a ainda mais alto do que a dele. Enquanto caminhava, puxou o documento do bolso da jaqueta de campo. — Primeiro-Tenente Jonas Peregrino, do destroier

Noronha, Forças Espaciais. Mensagem urgente-urgentíssima para o General de Exército Ariosto.

— Mensagem de *quem*, Tenente? — o homem quase gaguejou, surpreso.

— A mensagem e o remetente estão transcritos no código da operação, senhor — Peregrino disse, estendendo as folhas de papel de algas.

— Você é sempre insolente assim, garoto? — Ariosto disse, curvando-se para receber os papéis. Tinha os olhos apertados e arriscou elevar o tom outra vez. — É esse o nível de disciplina que devemos esperar das Forças Espaciais?

— Repito: a mensagem é urgente-urgentíssima, senhor — respondeu, no mesmo tom. E acrescentou: — A segunda folha é contribuição minha, relatório tático do que vi no caminho pra cá. Um corredor polonês. Não está encriptada.

Ariosto se endireitou e olhou em torno. Peregrino não desviou os olhos e o silêncio dos outros deixou claro o que o general enxergava. Rostos tão aturdidos pela insolência quanto o dele. Fitando-o duramente, Ariosto estendeu a mensagem a alguém às suas costas.

— Brache — disse, seco. — Decifre isto.

Uma mulher morena, alta, de cabelo longo demais para o padrão militar, adiantou-se. Tinha insígnias de major, busto grande, quadril estreito e pernas longas. Encarou Peregrino por um instante e pousou o papel, desajeitada, sobre a tela do *tablet*.

Para a surpresa de Peregrino, a mulher *leu* o texto decodificado, antes de passar o *tablet* ao oficial comandante. Seu rosto bronzeado escureceu ainda mais e ela tornou a

dirigir a ele olhos que notou serem azuis. Mais uma surpresa: maquiagem bem aplicada em torno dos olhos.

O General Ariosto devolveu o *tablet* à Major Brache com um gesto brusco. Baixo, de pernas curtas, Ariosto ostentava uma cabeleira grisalha de corte sofisticado, fora do padrão militar. A farda de campo não caía bem na figura atarracada e troncuda. Seus olhos procuraram alguém para além da mulher. Disse algo a esse alguém ou a Brache, a voz baixa demais para que Peregrino conseguisse ouvi-lo, mas conseguiu ler nova expressão momentânea de alarme no rosto maquiado da mulher.

— Cuide disto imediatamente — Ariosto exigiu.

— Sim, senhor — ela disse, rumando para os degraus que davam acesso ao tablado.

De olhar pesado, Peregrino desviou os olhos de Ariosto para Brache. Quando a mulher chegou ao penúltimo degrau, ele se moveu para juntar-se a ela. No caminho, deu uma dura ombrada num tenente-coronel que estava parado ali meio que de boca aberta.

— Você não está dispensado, Tenente! — Ariosto gritou.

— O nome da minha oficial comandante está na mensagem — respondeu, nem mesmo olhando para trás, agora sem se importar com o volume da sua voz. Estava de saída, e tinha mais o que fazer. — O senhor pode dirigir a sua reclamação a ela.

Passou pela major, que havia superado o choque. Ela deu uma corridinha para alcançá-lo junto à entrada. A Cabo Miranda o esperava de boca aberta, com meio sanduíche numa mão e outro, ainda embalado, na outra. Na certa, tinha ouvido tudo.

— Major Brache, a Cabo Miranda está comigo. — Estendeu uma das garrafas de água. — Troque comigo, Miranda.

— Ninguém fala assim com o General Ariosto! — Brache exclamou. — Isso vai ter *consequências*, Tenente.

— Senhora, se fizer tudo com rapidez, estarei morto na próxima hora, junto com a Cabo Miranda e o destacamento que voltar comigo. Se não, em algum momento nas próximas duas horas ou mais... Nenhuma consequência vai ser maior do que essa. — Para a sua colega, disse: — Esse sanduíche tem que ser *bom*, Miranda. Pode ser a nossa última refeição.

— O que eu queria mesmo era um *banho* antes de sairmos deste lugar, Tenente — ela disse, de voz sumida. E emendou: — Ninguém merece ser encontrado morto desse jeito.

— Talvez a Major Brache possa nos ajudar com isso. — E diante do silêncio da oficial, e quase em um rosnado: — Talvez a senhora tenha equipamento de *combate* em algum lugar e gostasse de nos acompanhar? Não? Bem, mais duas coisas: pode encontrar pra nós o oficial de ligação com as Forças Espaciais? Não o vi lá dentro. Tenho uma mensagem pra ele também: quero fazer uma denúncia disciplinar contra uma tenente de forças especiais que encontramos lá fora. Pode me indicar o oficial responsável pelas operações especiais aqui?

— Você está brincando...

— Não, senhora.

— O comandante de operações especiais está agora no *briefing* e não vai sair.

Peregrino respirou fundo. Lembrou-se da cena de há pouco – Ariosto dirigindo-se a Brache e mais alguém. Teria sido o comandante das operações especiais? Mas estava claro que a Major Brache é quem cuidaria do assunto.

Cerrou os dentes. Fora de foco nos seus olhos avermelhados de sangue, Brache recuou um passo diante da sua expressão. O descaso de Ariosto e Brache com a mensagem o fez tremer de raiva. Miranda e Peregrino tinham passado por muita coisa – e *visto* muita coisa –, correndo um grave risco para manter o regime de sigilo do seu deslocamento e do conteúdo da mensagem, e os dois oficiais pareciam agir como se fosse um assunto desimportante, ou impertinente.

— Agora é a senhora quem faz piada — disse, quase rosnando. — Vai enviar tropas *regulares* de volta com a gente?

A mulher fez uma careta enfurecida e agarrou o seu dolorido braço direito, fazendo-o lutar para manter o precioso sanduíche na mão. Miranda o surpreendeu ainda mais, dando um salto felino para se atracar com a oficial superior, as mãos em garra. Peregrino a segurou.

— *Eu* tenho autoridade pra acionar tropas especiais! — Brache disse.

— É mesmo? — Olhou ostensivamente para o peito e o ombro direito dela, à procura de algum brevê de operações especiais ou curso de Comandos. Não havia nada que fosse operacional, apenas distintivos de cursos em forças de outros blocos políticos. Balançou a cabeça e, em silêncio, rezou para que não estivesse tratando com a *ordenança* do general. — Então a senhora também tem autoridade

pra receber a minha denúncia. — Olhou-a nos olhos. —
Depois de arranjar os preparativos, é claro.



O complexo militar ficava nos arrabaldes da cidade de Conquista, no pouco hospitaleiro planeta Atacama. Limitava, de fato, até onde a conurbação podia chegar, antes da área protegida em torno do riacho que alguém havia batizado de Rio Meteoros. Jonas Peregrino não sabia o motivo do nome. Atacama tinha um único continente, acidentado e com o tipo de regime de ventos e chuvas semelhante ao do nordeste do Brasil ou do continente australiano. Chuva de meteoro deviam ser mais comuns do que a de água... Salvo por alguns pontos no litoral e nas montanhas mais altas, o continente solitário de Atacama apresentava clima tórrido e seco.

Conquista não era uma cidade especialmente grande. Fora erguida no solo poeirento e pedregoso com materiais locais, de modo que imperavam fileiras de construções leves nos mesmos tons pastéis, em quarteirões extralongos, cortados por ruas empoeiradas de *permacrete*.

Parte disso tudo estava em escombros. Pelo padrão das crateras e das ruínas, bombardeio de mísseis hipersônicos convencionais – improvisados com reatores de veículos flutuadores das indústrias que eles mantinham na outra “cidade grande” de Atacama, Triunfo – disparados de algum covil dos extremaduranos. Nenhum míssil atingira a Base Zeledón, que, a rigor, era a única construção levantada além dessa linha delimitante. Ao seu lado, porém,

um semideserto campo de refugiados agitava ao vento os frangalhos das suas barracas.

Acima das instalações, *drones* de vigilância revoavam em torno da base, orbitando em padrões sincronizados e imutáveis. Veículos de superfície se moviam adiante de nuvens de poeira ao longe, e dirigindo-se para a base. Baterias móveis de alta energia e de foguetes impactadores eram distribuídas em torno das instalações, sensores montados em torretas escamoteáveis, lanchas de transporte de pessoal pousadas no campo de refugiados. Um pouco além havia dois módulos hospitalares de quatro andares, baixados da órbita pela âncora gravitacional da NDTV-7 *Cuenca del Paraná*, a maior nave do tipo, das três operadas pela Esquadra Colonial. Para além desse complexo, igualmente fora dos limites de Conquista e instalada sob uma montanha que assomava na planície desértica, quase debruçada sobre a linha costeira, ficava o depósito blindado onde estavam guardadas as peças de uma caríssima âncora gravitacional de porte médio Puissant-Voimakas DD28 Magna.

O dispositivo ultratecnológico era promessa de uma revolução econômica em Atacama. Com a sua instalação, cargas e passageiros poderiam ser baixados da órbita para a superfície, e, mais importante, ir da superfície até a órbita a baixos custos e com maior agilidade. Por essa mesma promessa, era o pivô da guerra civil que eclodira entre os colonos, dividindo a sociedade entre os que desejavam a virada econômica, e os que temiam as suas consequências. O depósito era guardado por tantas baterias quanto os quartéis.

Nos quarteirões dispostos diante da base, impactos haviam transformado prédios de seis andares de uma superquadra em labirintos de ruínas ainda fumegantes. As ruas em torno do desastre estavam livres de veículos intactos, pontuadas pelas carcaças metálicas retorcidas, fragmentos de metal e vidro salpicados em torno.

Peregrino ordenara que Miranda Mori pousasse o flu-tuador de carga nas imediações da superquadra destruída. Ali o veículo seria menos visível do ar por grupos extremaduranos de infiltração que tivessem ousado chegar tão próximo da base. Não contava em regressar ao sovado aparelho. Apenas parecera um bom lugar para abandoná-lo, já que o centro de operações da base o proibira de pousar em uma das suas plataformas ou perto das altas muralhas de *permacrete*.

Ele havia explicado com clareza quem era e a importância da mensagem que trazia. Senha e contrassenha tinham sido trocadas pelo canal criptografado. Mesmo assim, ele e Miranda foram instruídos a pousar longe dos portões e se dirigirem para a base a pé. A distância não era curta, e a muralha, assim como as torres armadas ou de vigilância e de antenas de comunicação e sensores, permaneciam visíveis enquanto se aproximaram.

Faltando cruzarem a via expressa que riscava o deserto diante da base, foram interpelados por uma patrulha.

Sem instrumentos, Peregrino e Miranda não perceberam o abrigo oculto por uma rede de camuflagem. A voz feminina que os interpelou não pediu senha. Apenas exigiu que dissessem quem eram e o que faziam ali. Depois que Peregrino se declarou mensageiro com destino à base,

a voz guiou-os em como soltar os cintos com os seus detonadores, com a mão contrária e movimentos lentos. E de costas voltadas para o abrigo.

Comandados desse modo, os dois se dirigiram até a entrada de um misto de tenda e *bunker* camuflado. Sair do duro sol binário de Atacama e entrar na penumbra que imperava ali ofuscou Peregrino e o tornou lento em divisar as três mulheres e dois homens com armas longas de alta energia de várias procedências, apontadas casualmente para eles. Detalhes e fisionomias só vieram segundos mais tarde. Os trajes que vestiam também eram compostos de peças misturadas.

Se não a falta de padronização, as insígnias os definiam como forças especiais. O símbolo obrigatório da cibernética declarava que as mulheres eram ciberaumentadas. Fazia sentido. Peregrino ficou surpreso mesmo foi com um autômato de vigilância, sobre pernas de inseto, alto e equilibrando complexos casulos de sensores.

A pessoa mais graduada ali era uma terceiro-sargento, corpulenta, cabeça raspada e olhos artificiais. De ombros largos e membros de músculos hipertrofiados, era a maior mulher que ele tinha visto na vida. Vestia partes customizadas de uma armadura de combate leve, tinha duas pistolas na cintura. Sua arma longa era de modelo desconhecido para Peregrino, enorme e com certeza pouco prática em ambientes fechados.

— Identificação — ela exigiu, seca.

— Primeiro seria melhor exigir de nós a senha, Sargento.

Os olhos mortos fixaram nele o seu brilho metálico. A mulher se endireitou e apoiou a coronha da arma no

chão e o cano contra uma das paredes. Peregrino notou, atrás dela, uma entrada alta desenhada em negro no concreto, com um arco no topo por onde a extremidade do robô de vigilância poderia passar.

Voltando-se para a sargento, ela tinha os braços cruzados no peito e o encarava com a cabeça inclinada, divertida com a sua atitude. Depois de mais alguns segundos, pediu devagar a senha. Peregrino a forneceu e ela apenas assentiu com a cabeça, convidando-o a exigir a contrassenha. Nesse ponto ela baixou os braços, sorriu e olhou para as colegas. Não havia divertimento no sorriso. Ninguém riu com ela.

— Você é *abusado*, Tenente — ela disse. — Especialmente pra alguém que acabou de chegar ao planeta. Senha não significa nada. Os dois lados desta briga devem estar cansados de saber da senha do dia.

— Procedimentos de segurança não deviam relaxar com o tempo de uma operação, Sargento — respondeu, sem dar atenção ao comentário que tornava claro que quebras de segurança eram comuns. — E estou aqui há seis dias locais. — Aguardou, e então disse, quando enfim a mulher proferiu a contrassenha correta: — Obrigado.

Peregrino apanhou o cartão de identificação militar de Miranda Mori, juntou-o ao seu e os estendeu à mulher. Nesse instante, ocorreu-lhe o quão estranho era uma equipe de forças especiais funcionando como posto de verificação acompanhada desse tipo de robô. A sargento FE olhou para os cartões e os passou a um de seus colegas, que já se inclinava sobre um comunicador portátil.

— Não sabia que as Forças Espaciais estavam envolvidas com ações em terra — a mulher disse.

— Estamos envolvidos com a evacuação dos civis, às vezes é preciso descer pra ver como estão as coisas e levar os habitantes pr'a órbita. — Peregrino informou o que deveria ser óbvio. Apontou com o polegar direito por cima do ombro. Havia um grupo de escaleres das Forças Espaciais pousado em uma plataforma junto das barracas de refugiados. — Temos um oficial de ligação com o alto-comando.

— E a mensagem que você está levando a Ariosto?

Com a visão mais acostumada à penumbra, Peregrino analisou as marcas no chão do abrigo, a amplitude do espaço, a sujeira fuliginosa nos trajes dos militares e nas suas botas. Nas suas *caras*. As ranhuras na beirada da passagem interna. As traves e vigas de *permacrete* sustentando o teto antibombas. O autômato partilhando o espaço com o pessoal. Sentiu os músculos do seu rosto se reajustarem em uma quase careta de desagrado. Seria possível? Não quis acreditar.

— Tenente!

— A mensagem é importante mas codificada e destinada apenas ao general comandante — disse, dando um passo para o lado, para ficar na frente de Miranda.

— Pois me mostre — ela insistiu —, pra eu saber que você está falando a verdade.

— Negativo. De onde vem a sua suspeita? Já mostramos as nossas identificações, falamos a senha. E o sujeito ali com o comunicador já deve ter confirmado quem somos, com o pessoal da base.

— Ninguém consegue achar o oficial de ligação das Forças Espaciais — o homem disse, falando pela primeira vez.

— E com o controle aéreo? — Peregrino perguntou prontamente. — Foi pra eles que nos apresentamos. A instrução foi de nos apresentarmos nos portões da base.

— Antes, vocês têm que passar por *nós* — a sargento disse.

— Foi o que acabamos de fazer — ele disse, seco.

A ciberaumentada avançou e, ligeira, segurou-o pelos braços. Foi como ser apanhado pelas pinças de um robô-estivador. Ela apertou os seus bíceps com os polegares e o chacoalhou duas vezes, fazendo-o bater os dentes. Seu rosto largo estava bem diante dele, mas Peregrino não via nada em seus olhos, nem o reflexo dele mesmo. Quando a mulher arreganhou os lábios, soube que os seus dentes também eram metálicos e opacos, brilhando apenas com fios de saliva. Um jacaré-açu não teria se apresentado mais assustador, mas Peregrino forçou-se a sorrir.

— Eu quero ver essa mensagem, Tenente! — ela ros-nou. — Como vou saber se ela existe ou não? Você pode ser um assassino enviado pra dar cabo de Ariosto.

— Entendo a sua preocupação — respondeu, sem medo. — Mas tenho certeza de que na base eles são tão conscienciosos quanto você. E não me importa se eu chegar pela entrada principal ou pelo túnel de carga ali dentro. Você pode simplesmente destacar dois do seu pessoal pra nos escoltar por ele.

— *Eu* digo qual é o meu trabalho, Tenente — ela disse, sem soltá-lo mas afrouxando um pouco o aperto férreo nos seus braços.

Peregrino cansou-se da conversa. O rosto da mulher lhe pareceu inerte como uma máscara. Não podia ler nada

nele além do desprezo frio da máquina, a zombaria inerente à imitação do humano. Com um giro do corpo e da cintura, escapou das mãos da ciborgue, deu dois passos para trás até bater no corpo macio de Miranda. Em seguida, levantou as mãos espalmadas na altura dos ombros. Seus olhos foram da ciborgue para os outros forças especiais no recinto, expressões enfezadas mas humanas, mãos fechadas nas empunhaduras das armas.

— Agora basta, Sargento — disse. — Você já fez suas perguntas e já dei minhas respostas. Nossas armas estão pegando poeira lá fora, já passou da hora de você nos deixar seguir caminho. Ou pode nos prender e entregar aos PMs. Com eles ou com os oficiais de inteligência, vamos ter outra conversa, e a minha mensagem vai chegar ao General Ariosto. Com um atraso enorme e injustificado, mas *vai* chegar.

— Você tem culhões, Tenente — ela disse, recuando. Durante a pausa, apontou para fora. — Por ali.

Quando Peregrino girou nos calcanhares, sem dizer nada, percebeu o olhar irado que Miranda lançava contra a sargento FE. Precisou apanhar a colega pelo cotovelo e virá-la, puxando-a até que tivessem saído da barraca.

Desta vez, manteve um olho fechado para não se ofuscar com o recorte de céu brilhante por entre as ruínas. Rápido, localizou os detonadores largados na poeira. Devagar, ele e Miranda foram até eles e os apanharam. Peregrino ordenou que Miranda não se voltasse. Em momento algum deveria olhar por cima do ombro.

— Por que, Tenente? — ela perguntou, ainda com raiva guardada para a mulher lá dentro.

— Se atirarem na gente, e *se* acharem os nossos corpos mais tarde, vão saber que fomos mortos pelas *costas*.

Miranda caiu em silêncio pensativo, ou assustado. Os dois afivelaram os detonadores na cintura e mantiveram os olhos na rua, e então para os muros altos da base das Forças de Superfície. A imagem das muralhas e das antenas ardendo contra o céu azul foi pintada em cores doídas e incandescentes na sua retina, mas Peregrino se sentiu aliviado.

Notou algo que o fez deter o passo: olhando de perto, via que as muralhas estavam incólumes. Olhou para a cidade. Deste lado da avenida larga, as edificações da capital de Atacama eram uma coleção de escombros poeirentos. Do outro lado, a base das Forças de Superfície – o *alvo* militar –, estava limpa e inteira, sem sombra de ter sofrido o menor dos ataques.

Peregrino balançou a cabeça para espantar o atordoamento. Então olhou com atenção para Miranda Mori. Falou à colega que quem agia como saqueadores e piratas podia muito bem atirar pelas costas. Mas chegaram à avenida diante da base, e em seguida até os portões, sem perderem a vida.

PRIMEIRA PARTE

Há muito se foi o louvor de quem lutou por nós
Das cinzas às cinzas, acaba que o aço ainda enferruja

Das cinzas às cinzas e do pó ao pó
O aço ainda enferruja
Das cinzas às cinzas e do pó ao pó
E do pó ao pó

—“Steel Still Rusts”,
Chad Kroeger (Nickelback)

Eu tinha um bilhete só de ida a um lugar
Em que todos os demônios vão
Onde o vento não muda
E nada consegue crescer no chão
Sem esperanças, só mentirosos
E te ensinam a chorar nos travesseiros
Mas eu sobrevivi

Eu ainda respiro, ainda respiro
Eu ainda respiro, ainda respiro

—“Alive”, Sia Kate I. Furler, Adele
Laurie Blue Adkins & Tobias MacDonald
Jesso (Daughtry)

Com a queda do padrão de vida, a população brasileira começou a se desiludir com os militares. Parecia que não estavam mais “preocupados com as gerações futuras”, que prestavam atenção somente aos interesses pessoais.

—*Diários da Caserna: Dossiê Smart*, Coronel
Rubens Pierrotti Jr.

Aquele que se doa inteiramente aos seus semelhantes parece a eles como sendo inútil e egoísta; mas aquele que se doa parcialmente é pronunciado como um benfeitor e filantropo.

—Henry David Thoreau

CAÑÓN DEL RÍO METEOROS

Quando a Major Brache voltou ao saguão em atividade, Peregrino e Miranda apresentavam queixa a um tenente da Polícia Militar, cercados por praças graduados. Ela chegou acompanhada do oficial de ligação, o Capitão Irineu Alves.

— Aqui está ele — Brache foi dizendo, dirigindo-se a Alves. — Espero que o senhor tome medidas imediatas. — Só então se deu conta do que Peregrino fazia, e se dirigiu a ele. — Não acredito que você está mesmo fazendo uma denúncia contra um de nós!

— Acho que a senhora abriu mão de cuidar desta missão, já que não a vejo armada nem equipada — ele respondeu, terminando de assinar a queixa.

— Olhe aqui, Tenente — Alves disse, enquanto Brache corava ao seu lado —, não sei o que está acontecendo, mas isso não são modos de tratar uma...

— A minha mensagem para o senhor é urgente-urgentíssima, Capitão — Peregrino o cortou. — Vamos pr'aquele canto ali, pra que o senhor possa recebê-la sem mais atrasos. Venha junto, Miranda.

Peregrino e a companheira foram para o canto indicado, mas o perplexo Capitão Alves ficou junto de Brache e o PM. Peregrino lembrou-se: o posto dos dois era equivalente. Imaginou se teriam algo mais em comum. Conversaram até que Alves viesse enfim receber a mensagem.

Veio de cara feia. Peregrino apenas lhe estendeu o papel de algas com o texto codificado. Ao ler a mensagem, Alves empalideceu e quase deixou o aparelho cair.

— Não pode ser... — balbuciou, olhando da tela para Peregrino, e dele para a tela.

— O senhor pode conferir com a Almirante Calado — Peregrino disse, a voz firme apesar do cansaço e da irritação —, mas seja *rápido*, que o tempo urge. Talvez encontre a almirante entre uma obrigação e outra. E tenha cuidado: a situação exige sigilo.

— Eu...

Peregrino tomou o papel das mãos de Alves e o amassou. Apontou para o *tablet*, e então olhou para a Major Brache, que parecia inquieta, prestes a se lançar correndo na direção deles. Indicou a mulher com um gesto de cabeça.

— Pode mostrar a mensagem a Brache, mas melhor não deixar que ela veja o código de chamada exclusivo da almirante, que tem muito o que fazer. — Então puxou Miranda pelo braço. — A Cabo Miranda vai ficar com o senhor, pra atuar como consultora da situação específica no local.

— Uma *praça*, como consultora? — Alves exclamou, vencendo a perplexidade.

— As ordens referentes a *mim* na mensagem são de retornar ao local acompanhando as tropas. Nada mais, e *ninguém* mais. A Cabo Miranda fica com o senhor. Ela sabe de tudo o que eu sei. — E então, como que dispensando o capitão: — Cuide de tudo imediatamente.

Afastou-se, de novo para junto das mesas com alimentos e bebidas, Miranda caminhando com ele. Não havia nada

nas ordens sobre mantê-la na base, mas se permanecesse com Irineu Alves, ela seria bem tratada e estaria segura.

— Por que está fazendo isso, Tenente? — Miranda perguntou, em voz baixa.

— Volte pr'a sua filha, Miranda — respondeu, tentando sorrir. — O pessoal na fazenda vai ficar bem. Você sabe que o problema é chegar lá. E quem sabe consegue colocar algum juízo nos idiotas daqui.

— Como assim, senhor?

— Nossa missão vai fracassar. Nossa missão vai fracassar. Ariosto e o comando das Forças de Superfície não sabem lidar com esta guerra, e a *Noronha* está longe demais pra fazer alguma diferença.

— Ela não vem pegar a gente?

— Acho que não enquanto a evacuação estiver em andamento. As ordens são da *Cienfuegos*, a capitânia da esquadra, onde está a Almirante Calado, e Reyes não pode fazer nada.

— Não pode ou não *quer*? — Miranda disse, rangendo os dentes.

— Explique — exigiu.

De uma das mesas, pegou barras de cereais, enfiando meia dúzia nos bolsos e estendendo uma para Miranda. Ela parecia meio embaraçada, mas ainda tinha a expressão raivosa no rosto moreno. Buscou com cuidado as palavras, desviando os olhos escuros dos dele.

— O jeito como ela deixou — disse —, sem apoio, com comunicações reduzidas. Não é esse o procedimento pra esses casos... Se é que eu posso criticar assim a nossa oficial comandante, senhor, mas... ela *não é* a Capitã Bonadeo!

Peregrino soltou um riso cansado. A Capitã Margarida Bonadeo estava no meio de um curso intensivo de aperfeiçoamento quando estourou a guerra civil em Atacama e a Operação Salvaguarda foi posta em movimento. A primeiro-oficial Xénia Reyes comandava o destróier.

— Estamos longe o bastante da *Noronha* pra você poder criticar livremente a nossa oficial comandante — disse. — Longe da disciplina de bordo. Mas como eu partilho da sua opinião, não precisa fazer mais críticas.

Miranda fez a sua cara costumeira de contrariedade.

— Eu não vou só ficar escondida aqui, Tenente — declarou —, em segurança. Se eu pensar em alguma coisa que possa ajudar o senhor a cumprir a missão, pode apostar que acho um jeito de passar pr'o nosso comando em órbita.

Peregrino sorriu.

— Não duvido. E conheço os seus truques. Mas, por enquanto, ache um chuveiro, depois se apresente ao Capitão Alves. Só mostre as fotos do massacre a ele se garantir que pode confiar no sujeito.

— Tenente — Miranda começou, sem sair do lugar —, já que estamos tão longe assim da disciplina de bordo... — Ela deu um passo à frente, ficou na ponta dos pés, beijou-o no rosto e disse: — Fique vivo.



O velho flutuador Sarraceno de carga capengava no ar, barulhento. Peregrino conferia os instrumentos técnicos, enquanto Miranda pilotava o aparelho. Uma saraivada de projéteis químicos martelou a fuselagem e cortou o relatório

de Peregrino sobre os danos sofridos do caminho. Peregrino levantou os olhos no mesmo instante em que Miranda forçava o veículo em um zigue-zague acima do estreito curso d'água longe lá embaixo e pouco acima das montanhas.

— Fogo vindo de bombordo, Tenente! — ela gritou, sem tirar as mãos dos controles e apontando, com o queixo, as margens do rio.

— Acelere tudo, Miranda. Evasivas! Não importa se o motor explodir. Eles estão só marcando o tiro pr'as armas de energia!

A aceleração o jogou contra o encosto. No segundo seguinte, viu o raio brilhante cruzar o recorte alongado do para-brisa. Então cerrou os dentes e agarrou os braços do assento, ferindo a ponta dos dedos. Foi jogado lateralmente contra os cintos. Ouvia os impactos dos projéteis na fuselagem do flutuador, mas se fossem atingidos por uma emissão de alta energia, a menos que o gerador do Sarraceno explodisse ou o vento entrasse com força de furacão por uma janela estourada, nenhum dos dois ouviria mais nada.

Miranda puxou outro zigue-zague, e o pescoço de Peregrino estalou. Os impactos de projéteis cessaram, nenhum raio cruzou as janelas ou o para-brisa. Nada explodiu. A luz do sol sumiu quando Miranda contornou o topo da montanha e roubou o ângulo dos atiradores. Peregrino voltou a respirar e a conferir os instrumentos no painel. O Sarraceno seguiu o seu voo com soluços nos reatores.

— Parece que não sofremos danos maiores, mas é melhor diminuir de altitude, Miranda.

— Estamos perdendo energia nos reatores de plasma?...
— ela inquiriu.

— Caindo devagar mas de modo constante — informou, com voz rouca. — Melhor descer. Pode ser preciso fazer um pouso de emergência.

— Nós só escapamos daqueles caras lá embaixo porque o senhor mandou que voássemos acima das montanhas, Tenente!

— Estamos perto do objetivo — disse, sentindo um cobertor gelado cobrir seus ombros, e uma névoa rubra atravessar sua visão. Só estavam vivos por sorte, e porque a altitude lhes dera alguma vantagem contra as armas manuais lá embaixo. Acionou o dispositivo de análise e autorreparação do flutuador, que buscaria automaticamente novos circuitos para contornar os pontos danificados pelos disparos. — Vale o risco.

Miranda empurrou o manche para a frente e para baixo, de rosto fechado. O horizonte subiu de imediato, e ela pilotou o flutuador de modo a fazer uma leve curva para a direita, apontando o nariz para o vale lá. Nesse instante, alguma coisa passou em altíssima velocidade diante deles, tão perto que um solavanco de ar deslocado os sacudiu e uma explosão doppler chegou ao interior da pequena cabine. Miranda gritou. Peregrino conferiu os radares no painel.

— Velocidade no radar de trânsito... — anunciou. — Mach cinco ponto dois.

— O que foi aquilo?

— Provavelmente, um míssil ou *drone* de hipervelocidade. — Tornou a conferir os instrumentos. — Está diminuindo de velocidade e altitude rapidamente. Talvez falha técnica. O maior alcance do radar de trânsito é frontal.

Checando agora o lateral... o traseiro... Nada, por enquanto, mas só íamos saber de um outro disparo quando estivesse em cima da gente...

— Outro desses, e estamos acabados. — Miranda fez uma pausa, lutando com os controles. — E por que nosso pessoal em órbita não derrubou essa coisa, se ela voava tão rápido?

— Pequena demais, eu acho. Um armamento disparado de uma bateria pequena...

— Não me lembro de nada disso no *briefing*, senhor — ela disse, com censura na voz.

— É porque não havia. Deve ser uma inovação, outra arma improvisada.

O cambaleante flutuador alcançou uma altitude que Peregrino achou ideal para a combinação básica de sensores de trânsito e de terra. Não registravam nada lá embaixo, até a altura média das montanhas. Se Peregrino fosse o comandante das forças irregulares lá embaixo, só movimentaria pequenos grupos de reconhecimento, tão perto do acesso à cidade de Conquista. Eles não empregariam nada que denunciase a sua presença na área — especialmente baterias de armas especiais que pudessem revelar uma capacidade bélica desconhecida.

Ou talvez Peregrino estivesse errado. De qualquer modo, não havia mais como adiar a checagem da situação dos reatores. No computador de bordo, acionou o *software* de diagnóstico e analisou o resultado junto com Miranda. Algumas linhas de alimentação externas haviam sido atingidas por projéteis, seria fácil para a autorreparação desviar o fluxo de energia para outras de menor capacidade, mas

o robusto flutuador resistiria. Estavam na reta final. Mais alguns minutos em baixa velocidade e chegariam.

O curso d'água entrava nas últimas corredeiras antes da cachoeira fina que caía sobre a planície de aluvião. Nesse ponto, transformava-se no Rio Conquista – que ia cruzar a cidade até alcançar o mar, em um delta que, com certeza, já fora maior, mas atualmente não era mais do que uma pequena faixa de mangue. O velho Sarraceno estalava e tossia, porém mantinha a altitude, e Peregrino e Miranda já podiam ver o destino surgindo espreado diante deles.

A planície alagada se abria em um brejo rico e extenso, alimentado pelo jorro minguado do Meteoros. Com a aproximação do Sarraceno, as arribações de lagartos alados e aquáticos que sobrevoavam a água se agitaram e assumiram desenhos estranhos no ar, gestos de uma inaccessível mas alegre linguagem de sinais. Por alguns minutos, a violência do trajeto foi esquecida. O Pantanal da infância voltou à memória.

De olhos cansados, tornou a ler os instrumentos. Não havia nada nos radares.

— Falta pouco — Miranda disse. — O flutuador vai aguentar

Peregrino sorriu, e com isso surpreendeu-se. Afinal, tinham sobrevivido à terceira escaramuça em sua jornada até ali. Sua vista clareou um pouco mais, e ele encarou com expectativa o comunicador de bordo. Em instantes, seriam interpelados pelas Forças de Superfície, e se passassem dessa fase, estariam bem perto de cumprir a missão.

Quem diria...



— *Acho bom ser uma emergência. Você sabe que usar este canal pode me denunciar. Há muita coisa em jogo neste momento. Se me localizarem, colocamos tudo em risco.*

— *Você disse que o encriptamento asiático era garantido...*

— *Você entendeu errado! Se fosse assim, Victoria teria acesso a ele, e não apenas você. E com a chegada das naves militares, o risco ficou muito maior. Uma delas pode ter um computador quântico capaz de quebrar o código. Ou localizar os pontos de emissão e recepção. Então seja rápido.*

— *Alguém da hacienda se acovardou e chamou os caras lá de cima. Um tenente apareceu aqui pra evacuar o pessoal. A senhora pediu pra falar com ele. Não pude ouvir o que trataram. Houve mais uma conversa logo depois, por ansível, com as naves em órbita. A senhora então cedeu um flutuador pra ele. Vai descer o vale até Conquista. Até a base militar, Orlando.*

— *Você fez bem em me contactar... É claro que esse tenente leva uma mensagem dela. Victoria sabe demais, e não tem o mesmo compromisso de antes. Qualquer informação que envie à base em Conquista pode me comprometer. Acabar comigo...*

— *É só um garoto. Inexperiente. Sem ideia do que acontece aqui. Pode muito bem ficar pelo caminho. As coisas no vale estão longe de serem tranquilas.*

— *É verdade. Mas vou pôr um grupo de mercenários na trilha dele. Garantir que vai ser só mais uma baixa nesta nossa guerra.*